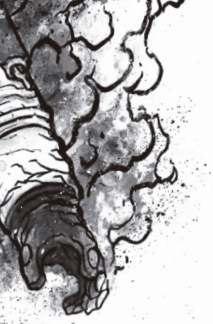


JONIEL SANTOS



space oddity

a terra está para o satélite
como a água para a atmosfera
tudo gravita – a vida – equi
libra-se ainda que se esquive
o cometa do meteoro | as rotas
de colisão explicitam certa par
cela de perigo e medo a que
todos os corpos celestes se
submetem entre o caos e a
calma, dicotômicos | o som não
propaga o ruído está extinto
quando se orbita no frio deste
vastíssimo tapete dito infi
nito | que ímpeto teria pro
longado tão largo o nada tão es
cassa a massa quando comparada
ao absoluto tubo nulo onde tu
do está indubitavelmente contido ?



GRAVIDADE ZERO

3 poemas de Alexandre Guarnieri

ilustração de Joniel Santos

e então n'algum vórtex do espaço,
n'algum vértice do vácuo
pairará ainda o traje,
em perfeito estado (ou quase)
algum tecido puído (ou íntegro)
indo, como uma nau à deriva,
são mastros os braços em cruz
e conforme a imagem se condensa
n'algum lugar da SUA imaginação
que a investiga lançando um
flutuante olhar de telescópio
para próximo da escotilha
(os múltiplos estágios no
quadro a quadro – como no
zoom in mútuo e lento de um
monóculo de encontro a outro)

astronauta de mármore

Look out your window I can see his light
If we can sparkle he may land tonight
Don't tell your poppa or hell get us locked up in fright
[...]There's a starman waiting in the sky
Hed like to come and meet us
But he thinks he'd blow our minds

David Bowie, "Starman", 1972

à procura de algo familiar
e humano (um rosto?),
buscaria descobrir se há
lá dentro o cadáver inconsútil
de um pioneiro desgarrado
ou tão somente constatar-lhe
o pesaroso óbito e agora
bem de perto, mas tão perto
que a SUA respiração quase
nubla o vidro da abertura,
por onde, do outro lado do pano
(essa fronteira final – a da leitura),
VOCÊ possa captar-lhe algum
tremor no mármore das pálpebras,
e ao fitar do morto a pétrea face
– cara a cara – a perscrutar
o segredo de sua última metáfora,
então, de súbito, no susto,
o olho deste herói (apenas
o astronauta morto)

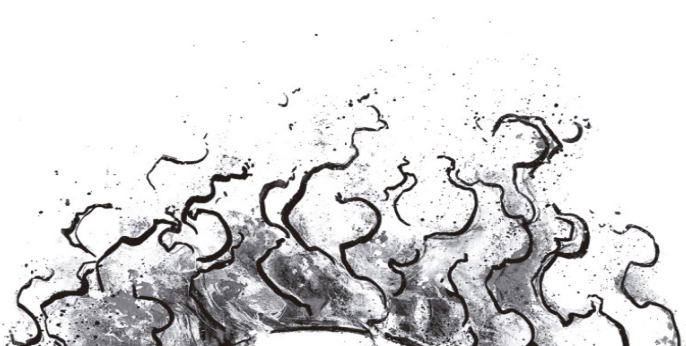
R E A B R A

gravidade zero

o peso outrora ancorado ao rígido piso
segundo o conteúdo programático ou
o índice onomástico da gravidade de newton,
tudo que esteve plantado (sobre a fiação
de raízes invisíveis) nalgum planisfério
supostamente inescapável (ou quase)
agora dança (flu tu a em câ me ra len ta)
pelo espaço das câmaras artificialmente
oxigenadas no grandioso galeão suspenso
cujo nome nos falha (fosse pequod,
hispaniola ou nostromo)

como se tudo que agora voa (à solta)
reclamasse um enxerto (adesivo ou aderível)
de velcro ou ímã magnético para fixar-se
às paredes côncavas de túneis salas passagens
e todas essas “aparições” não fossem, nelas mesmas,
as próprias coisas, mas meras cópias fantasmagóricas,

(seria o efeito-tarkovski apenas observável
na órbita de solaris, suas enseadas transformadas:
águas ~ as ondas do contínuo tsunami ~ mais nada ?)



como se o tempo estancasse
dentro dos músculos atrofiados
e a falta da gravidade fosse, em si,
uma deficiência rara, o mal do espaço,
e precisasse ser irremediavelmente
extirpada, combatida ali, diante
do surreal cenário: o cristo orbital
de salvador dalí, ou seus relógios derretendo

e a única imagem
acionada na memória para aplacar
essa estranheza (porque há o esforço
para naturalizar ao olho humano
uma realidade suspensa em que tudo
parece livrar-se ou estar à deriva)
fosse esse balé subaquático assistido
num documentário de águas-vivas
(e outros monstros marinhos,
entre sereias e víboras) encomendado
para alunos de oceanografia



Alexandre Guarnieri

(carioca de 1974) é poeta e historiador da arte. Foi premiado em 2015 pelo 57º Prêmio Jabuti por seu segundo livro de poemas “Corpo de Festim” (2014). Estreou em livro com “Casa das Máquinas” (2011). Foi um dos organizadores da antologia Escriptoni- ta (2016). Desde 2012, integra o corpo editorial da revista eletrônica Mallarmagens. Mantém uma parceria criativa com o multiartista Alexandre Dacosta, juntos são os [versos alexandrinos]. Fã de David Bowie, leu muito gibi de super-herói, viu muito filme sci-fi, ouviu rock e jazz. Continua fazendo todas essas coisas, além de escrever poemas sobre.